

AS PROFISSIONAIS DO RÁDIO PAULISTANO ENTRE OS ANOS 1920 E 1950¹

Luciana Antunes²

Antonio Adami³

Resumo: O objetivo deste trabalho é aprofundar conhecimentos sobre a história do rádio no Estado de São Paulo, com foco na participação da mulher no meio radiofônico durante as décadas de 1920 a 1950, fase de formação do meio. Ao analisarmos a presença feminina nas emissoras de rádio de São Paulo pretendemos resgatar a memória radiofônica a partir dessas mulheres que fizeram parte do processo do início à evolução do rádio, desse modo, contribuir para a pluralidade do conhecimento da história e da memória do meio, especialmente no contexto das emissoras do Estado. A perspectiva de análise parte do problema sobre quais as circunstâncias por que passaram estas mulheres pioneiras e quais as características das emissoras precursoras de São Paulo. A metodologia está centrada na história do rádio, com pesquisa exploratória, de cunho qualitativo e, para isso foram utilizadas fontes históricas, com pesquisas bibliográfica, documental e de campo, para buscar responder ao objetivo proposto.

Palavras-chave: História do Rádio. Mulher no rádio. Cultura. História da mídia.

Abstract: The aim of this study is to deepen our understanding of the history of radio in the State of São Paulo, focusing on the participation of women in the radio medium during the decades from 1920 to 1950, the formative period of the medium. By analyzing the presence of women in radio stations in São Paulo, we intend to retrieve the radio memory through these women who were part of the radio's inception and evolution, thus contributing to the diversity of knowledge of the history and memory of the medium, especially within the context of the state's stations. The analytical perspective starts with the question of the circumstances experienced by these pioneering women and the characteristics of São Paulo's pioneering radio stations. The methodology is centered on radio history, employing exploratory qualitative research. Historical sources, including bibliographical, documentary, and field research, were used to address the proposed objective.

Keywords: Radio History. Women in the radio. Culture. Media History.

1. Introdução

Pesquisar a respeito da mulher no rádio em São Paulo é claramente um exercício de reconstrução da história da radiofonia na pauliceia. É como se faltassem peças num mosaico radiofônico. A busca por informações em livros, revistas, artigos, documentos, teses, dissertações e outras fontes que pudessem auxiliar no embasamento teórico desta pesquisa, mostrou o quão necessário é resgatar essa trajetória. Profissionais como Ivani Ribeiro, Hebe Camargo, Linda e Dircinha Batista, Ângela Maria,

¹Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho **Estudos Radiofônicos**. 33º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói - RJ. 23 a 26 de julho de 2024.

²Doutora em Comunicação pela Universidade Paulista – UNIP (2022) com bolsa CAPES. Mestra em Comunicação pela Universidade Paulista – UNIP (2019), com bolsa CAPES. Bacharel em Propaganda e Marketing pela Universidade Paulista – UNIP (1997). E-mail: lulutunes1973@gmail.com

³Doutor pela FFLCH/USP (1994). Pós Doc pela Universidad Autònoma de Barcelona (2010), apoio Fapesp. Pós Doc pela Universidad Complutense de Madrid (2014), apoio Fapesp. Pesquisador dos grupos “Mídia, Cultura e Memória”, no Brasil, e “Análisis de la divulgación cultural y científica en los medios de comunicación social”, na Espanha. E-mail: antonioadami@uol.com.br

dentre outros grandes nomes da história da comunicação brasileira, apareceram nesta pesquisa, e como não poderia deixar de ser, surgiram também nomes de diversas outras mulheres, não tão conhecidas, mas que tiveram grande importância para o rádio. Estudar a mulher, nesse contexto, proporciona ampliar os estudos comunicacionais, pois esta mulher fez parte dos processos que envolveram a evolução desse meio, que esteve presente em todos os acontecimentos importantes do século XX e continua tempos afora. O estudo sobre a mulher no meio radiofônico, em nosso país, encontra-se embrionário, sendo raros os trabalhos que o contemplam ainda nos dias de hoje, conforme pudemos confirmar na pesquisa realizada, inclusive em repositórios e bibliotecas.

Assim, o presente trabalho tem por objetivo investigar a participação feminina no meio radiofônico entre os anos 1920 e 1950 em São Paulo, além de buscar entender de que modo se concretizou a atuação dessas mulheres no rádio paulistano durante o período em estudo e quem são essas personagens que se destacaram durante o período e em quais programas. Quanto à metodologia, dada a natureza do objeto de pesquisa, adotou-se uma abordagem qualitativa, tendo em vista o caráter investigativo e descritivo dos processos e significados que envolvem as profissionais do meio radiofônico no recorte de tempo em pauta. A perspectiva de análise parte do problema sobre quais as circunstâncias por que passaram estas mulheres pioneiras e quais as características das emissoras precursoras de São Paulo. A metodologia está centrada na história do rádio, com pesquisa exploratória e, para isso, foram utilizadas fontes históricas, com pesquisas bibliográfica, documental e de campo, para buscar responder ao objetivo proposto.

Não existem muitas mulheres que atuaram no rádio de São Paulo, se comparado com os profissionais homens, contudo, optamos por focar nas que exerceram papéis que aparecem menos nos holofotes, o que não é o caso das cantoras e atrizes. Focamos nas que desempenharam papéis menos visíveis, mas não menos importantes, tais como locutoras, dramaturgas, musicistas e produtoras. Vale ressaltar que há mulheres que desempenharam mais de uma função dentro das emissoras paulistanas, no entanto, elas aparecerão neste trabalho, na área em que mais se destacaram. Outro ponto a ser esclarecido é que as mulheres que se destacaram no rádio de São Paulo, não necessariamente nasceram nesta cidade. Muitas delas migraram para São Paulo por diversos e variados motivos e acabaram ingressando no rádio paulista e aqui se ficaram e se destacaram.

2. Os locutores do rádio paulistano

Existe uma relação próxima entre a locutora de rádio e a estrela de rádio, pois uma profissional podia exercer diversos papéis dentro de uma emissora, por exemplo, a locutora podia também ser cantora ou radioatriz. Ter boa voz é essencial para o rádio e, assim sendo, as possuidoras de boa voz poderiam atuar em diversos tipos de programas dentro das rádios. Nem todas as locutoras desempenhavam outros papéis, mas, muitas vezes, ficavam bastante conhecidas por seu carisma, simpatia ou por possuir uma voz sedutora. Tinhorão (1981, p. 41) afirma que:

[...] dando personalidade a cantores e locutores ante um público anônimo, abria inesperada perspectiva de realização artística para um novo tipo de futuros profissionais: os possuidores de boa voz. E, assim, muitas dessas pessoas, com veleidades artísticas até então não aproveitadas, candidataram-se a falar no rádio porque – conforme logo se descobria – se falar ou cantar diante do microfone não dava dinheiro, envolvia a criação de um mito que lisonjeava a vaidade pessoal, pela conquista da popularidade.

Segundo o autor, tanto o cantor de rádio como o locutor poderiam ser estrelas ou astros radiofônicos. Nesta pesquisa, no entanto, as locutoras estão no segmento de profissionais do rádio paulistano em vez de estrelas, pois muitas estrelas nem sempre eram contratadas pelas emissoras. Já as locutoras, salvo exceções, eram funcionárias das rádios. Por trazer a questão das locutoras, no início do rádio, época em que tudo era novidade e o meio ainda estava se estruturando, os locutores possuíam uma forte dimensão simbólica no imaginário popular, como sendo ‘estrelas’. Estes receberam o nome de *speakers*, nomenclatura vinda dos EUA. Com a evolução do meio, as emissoras passaram a se preocupar com a formação de um time de profissionais, o chamado *broadcasting*. “A preocupação era formar um quadro profissional. [...]. O primeiro grupo a se formar foi exatamente o dos speakers” (TOTA, 1990, p. 65). Para exercer esse papel, era necessário ter uma “leitura firme, clara e descontraída; vozes graves, aveludadas, inflexões cadenciadas e moduladas, num timbre macio e sensual (TAVARES, 1999, p. 89), mas, acima de tudo:

Ter criatividade para estabelecer estilos próprios de locução que o marcassem de alguma forma perante os ouvintes. Possuíam muito pouca liberdade de ação quanto à maneira pela qual abordavam ou divulgavam fatos. Eram marcadamente ‘profissionais da voz’ dos quais o meio procurava explorar o resultado estético que produziam com a sonoridade de suas vozes. (ESCH, 1997, p. 9).

É o locutor(a) que entra na casa das famílias, carro ou onde quer que você esteja, fazendo-se passar por alguém que está ali te acompanhando, que não te deixa sozinho em momentos de solidão, que está presente em sua vida e, com a evolução do meio, a atuação do *speaker* foi sendo aprimorada. Essa profissão exige que haja um trabalho dentro e fora das emissoras, além de um envolvimento em diversos papéis, tais como apresentar programas variados, fazer anúncios, entrevistar pessoas e animar o auditório, isso no caso das emissoras que tinham seus próprios teatros. Então, “o locutor radialista é um profissional que apresenta grande versatilidade em suas atividades como comunicador, uma vez que atua num mercado de trabalho amplo e variado” (BORREGO; OLIVEIRA, 2013, p. 2).

Apesar do *speaker* não ter o mesmo valor simbólico de outros artistas, como cantores e atores, muitos apresentadores obtiveram fama e garantiram seu lugar no “Olimpo” do universo imaginário rádio. Independentemente de uma opinião ou de outra, o que não resta dúvida é a relevância que o locutor tem nas emissoras, conforme a matéria *A Missão do Locutor*, na coluna Rádio de São Paulo, na Revista do Rádio:

O locutor não é simples ledor de textos comerciais, como muitos poderão supor, embora seja essa a rotina, por assim dizer, da sua tarefa. Entretanto, mesmo para se ler um anúncio, necessário se torna conhecer, em linhas gerais, as regras de pronúncia e outras particularidades de um idioma. [...] O locutor não está livre de ter de improvisar, para o registro em cima da hora, da visita inesperada ao auditório de uma personalidade em evidência e todos sabem que improvisar não é coisa que se faça brincando, e calmamente, como se estivesse lendo. E outra: o profissional digno desse nome, deve estar sempre atento, no caso de precisar corrigir os cochilos datilográficos e outros errinhos nos ‘scripts’ e... assim por diante. Ora, se assim é e se assim tem sido, vamos e venhamos que o trabalho de locutagem ocupa um lugar de responsabilidade na vida de uma emissora, que não poderá jamais deixar de passar por um crivo rigoroso todos os elementos destinados a exercerem essa tarefa. [...] Ontem, hoje, como amanhã, o locutor terá sempre sobre seus ombros uma parcela de responsabilidade sobre o bom nome do ‘broadcasting’ nacional. (JÚLIO, 1950, p. 36).

Nesse cenário, a popularidade do locutor e o laço de amizade entre ele e o ouvinte foi crescendo a ponto de surgirem muitos fãs que desejavam conhecer pessoalmente os donos das vozes encantadoras que penetravam seus lares todos os dias, conforme afirma Tinhorão (1981, p.47):

Ao democratizar o tom das transmissões ao nível da intimidade representada pela expressão ‘amigo ouvinte’, os responsáveis pelo rádio dos anos 30 acabaram despertando nesses milhares de amigos anônimos uma curiosidade

e um desejo de aproximação que levaria muitos deles a não se contentarem mais com o papel passivo de ouvintes distantes. Assim, como um número cada vez maior de curiosos começava a procurar as emissoras para ‘ver’ os programas, e a própria formação de quadros de novos profissionais tornava impraticáveis as antigas instalações improvisadas em salas de velhos casarões, inaugurou-se a corrida à novidade dos estúdios.

Além da necessidade de modernização e ampliação dos estúdios para que o público pudesse estar mais próximo de seus ídolos, os auditórios foram uma outra alternativa encontrada para que profissionais radiofônicos e seu público pudessem ter uma relação mais próxima.

O primeiro locutor do rádio brasileiro foi Edgar Roquette-Pinto (1884-1954). Além dele, diversos nomes se tornaram ícones, como é o exemplo de Renato Murce (1900-1987) que, com Roquette-Pinto, falavam ao microfone da primeira emissora de rádio oficial do Brasil, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro; César Ladeira (1910-1969), conhecido como “A voz da Revolução”, pela Rádio Record, que narrou os acontecimentos da Revolução Constitucionalista de 1932; no radiojornalismo esportivo Nicolau Tuma (1911-2006) é o destaque. Ele ficou conhecido como *o speaker metralhadora*, por sua maneira única de narrar partidas de futebol; Heron Domingues (1924-1974) foi o locutor exclusivo do grande *Repórter Esso*, o jornal que marcou época por ser o primeiro em que o locutor não lia as notícias dos jornais (ORTRIWANO, 2003), dentre muitos outros nomes que poderíamos citar aqui, e a lista é grande, mas o foco deste trabalho são as mulheres que se fizeram presentes entre eles.

3. As locutoras do rádio paulistano

Sobre a participação feminina no rádio, “os registros são pouco frequentes e a maioria deles ocupa-se mais de cantoras e radioatrizes que de locutoras” (POLETTTO, T.R.; POLETTTO, M.L., 2008, p. 1). As autoras afirmam que havia uma participação reduzida de mulheres no meio radiofônico, e isso se dava pois existia a “a ideia de que a mulher era destinada às preocupações com o lar e a família, conforme condições históricas, sociais e culturais” (POLETTTO, T. R.; POLETTTO, M. L., 2008, p. 2), fazendo com que a participação da mulher no rádio diminuísse sua atuação na sociedade.

Apesar da participação da mulher no rádio ter sido menor que a do homem nos primeiros anos da radiodifusão (e ainda hoje), a mulher teve espaço neste meio desde a primeira

emissora oficial no Brasil, com a presença de Beatriz Roquette-Pinto, filha de Roquette-Pinto, na locução da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

Segundo o radialista Roberto Salvador (2017) e o jornalista Reynaldo C. Tavares (1999), em São Paulo, a primeira locutora foi **Zenaide Andrea**, que iniciou sua carreira na PRB-9 Rádio Record, em 1930. E, na mesma emissora, no ano seguinte, surgiu a *speaker* **Elizabeth Darcy** (1912- 2010), mãe do narrador esportivo Sylvio Luiz. Elizabeth Darcy era o nome artístico de Natalia Perez de Souza (1912-2010). Natalia foi a primeira secretária de Paulo Machado de Carvalho, da Rádio Record. Ela o auxiliou bastante no início das operações da emissora antes de virar locutora e mudar seu nome para Elizabeth Darcy (CATERO, 2013, p. 23).

Tavares (1999, p. 108) destaca que em 1932, a PRB-6 Rádio Cruzeiro do Sul, promoveu um concurso para encontrar uma locutora para o programa “Hora das Donas de Casa”, onde a vencedora foi **Maria de Lourdes Souza Andrade**, a terceira mulher em São Paulo a desempenhar as funções de locutora (TAVARES, 1999, p. 108). Segundo o autor, ao sair da rádio Cruzeiro do Sul, a locutora foi trabalhar na PRA-6 Rádio Educadora Paulista, onde se destacou nos programas *Hora social* e *Programa das mãezinhas*. Esses programas eram direcionados às mulheres, pois “se há uma imagem facilmente associável à dona de casa é a imagem de uma rádio ligada, acompanhando as tarefas do lar, sem culpa, porque essa companhia não atrapalha o trabalho doméstico” (MATA, 1997, p. 19). Segundo Poletto e Poletto (2008, p. 14):

Por vezes o rádio apostou na ideia de mulheres falando para mulheres. A intenção era que a ouvinte se sentisse compreendida pela locutora, estabelecesse uma relação de amizade e/ou visse sua imagem ‘refletida’ na imagem da apresentadora.

Outra locutora paulista que se destacou foi **Virginia de Moraes** (1920-2011), nome artístico de Anna Virginia Pereira Lima. Virginia foi radioatriz, escritora, jornalista, mas foi como locutora na PRE-4 Rádio Cultura de São Paulo que ela se destacou, sendo considerada a melhor locutora do rádio brasileiro (TAVARES, 1999, p. 108).

No seu primeiro ano de atuação no cenário radiofônico, nas plagas de Piratininga, Virgínia de Moraes foi apontada unanimemente pela crítica especializada como revelação, recebendo o Troféu Roquette-Pinto nessa categoria. Nos anos subsequentes não foi diferente e Virgínia recebeu esse

mesmo troféu como ‘melhor locutora’, culminando com o ‘Roquette de Ouro’, símbolo máximo daquela outorga, só concedida a um fechado e seleto grupo de profissionais do rádio e da televisão no estado de São Paulo (TAVARES, 1999, p. 110).

Em 1951, ela apresentava uma crônica no programa *Bar de melodias*, que ia ao ar diariamente às 23 horas na Rádio Cultura. Depois foi para a Rádio Nacional de São Paulo, trabalhou também na Rádio Tupi. Por fim foi para a Record, onde permaneceu até o fim de sua carreira.

Jane Batista (1927-2014) foi uma locutora, radioatriz, escritora e jornalista. Ela apresentou programas na Rádio São Paulo, como também participou de radionovelas na mesma emissora. Ela iniciou sua carreira artística como radioatriz, mas se destacou como locutora e apresentadora de diversos programas. Além da Rádio São Paulo, ela trabalhou na Rádio Cruzeiro do Sul e na Rádio América.

Bárbara Fazio (1929 – 2019) foi radioatriz, mas se destacou como locutora. Na Rádio Cultura de São Paulo, apresentou o programa *Universidade no ar* (1946). Na Rádio Bandeirantes, apresentou o programa *História universal* (1947). Na Rádio Tupi, apresentou, entre os anos de 1947 e 1951, *Cinema em casa*, em que, além de locutora e radioatriz, foi roteirista e tradutora. Seu sucesso no rádio lhe rendeu papéis no teatro, cinema e televisão.

Domitila Gomes da Silva iniciou sua carreira como locutora na PRD-6 Rádio Clube de Piracicaba quando ainda era jovem e cursava o colégio. Em 1948, mudou-se para a capital paulista, onde fez um teste na Rádio Tupi. Passou no teste e foi contratada para trabalhar nas Emissoras Associadas. Na década de 1950, começou a fazer, além de locução radiofônica, locução de cabine na televisão. Dividiu-se entre o rádio e a televisão até começar a atuar como atriz e, posteriormente, como apresentadora em programas culinários, deixando o rádio para dedicar-se apenas à TV.

Vera Lúcia (1928-2011) foi uma locutora e radioatriz. Em 1949, iniciou sua carreira trabalhando na área administrativa da PRG-7 Rádio Juanense, e logo foi convidada a fazer locução. “Deixou excelente impressão desde o primeiro texto que leu” (CANTERO; COMEGNO, 2013, p. 207). Depois trabalhou na PRI-2 Rádio Clube de Marília onde trabalhava na administração, locução e como radioatriz no programa *Grande teatro* e na radionovela *O preço da felicidade*. Em 1951, ela foi coroada como a *Rainha da imprensa*, *Rainha do rádio de Marília* e, também, *Rainha do carnaval*. Em 1952, mudou-se para a capital paulista, onde

foi contratada pela Rádio Record para fazer locução e radionovelas, mas principalmente locução e locução comercial. “Foi uma das figuras mais queridas do rádio paulista na década de 1950. Recebeu do cronista Newton Mendonça o título de ‘A Locutora Sorriso’ (CANTERO; COMEGNO, 2013, p. 210). Vera Lúcia foi convidada para trabalhar na TV Record, mas preferiu se dedicar exclusivamente ao rádio.

4. As dramaturgas do rádio paulistano

Nos tempos áureos do rádio, final dos anos 1930 até meados da década de 1950, momento em que o rádio já havia se tornado mais comercial e visava o entretenimento a fim de atrair mais ouvintes, as radionovelas entraram de forma significativa na programação radiofonizada. Esse gênero demandava que as emissoras contratassem novos profissionais. Dentre eles estão os dramaturgos que, a princípio, adaptavam as novelas estrangeiras, como foi o caso de *Em busca da felicidade* (1941), a novela da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, escrita pelo dramaturgo cubano Leandro Blanco e adaptada pelo brasileiro Gilberto Martins.

Os autores de radionovelas nem sempre eram escritores de renome, mas pessoas que escreviam para jornais e teatro e que, por trabalharem em emissoras, passaram a escrever radionovelas também (CHAVES, 2007). Por outro lado, “existiam os escritores que não pertenciam ao quadro de funcionários da emissora, que produziam por encomenda” (CALABRE, 2002, p. 143), outros eram contratados por agências de propaganda, que enviavam os *scripts* prontos para as rádios. “A fórmula ficcional radiofônica foi dando certo e o rádio seguiu formando um grupo de romancistas que se tornaram famosos como Oduvaldo Viana, Ivani Ribeiro, Dias Gomes e Janete Clair” (CALABRE, 2002, p. 256). As duas mulheres citadas por Calabre (2002), Ivani Ribeiro e Janete Clair, fizeram novelas para o rádio de São Paulo, conforme veremos a seguir. Outras mulheres, talvez não tão famosas como elas, também escreveram novelas para emissoras paulistanas e serão citadas neste capítulo.

Ivani Ribeiro (1922-1995) exerceu no rádio as funções de cantora, radioatriz, apresentadora/locutora, autora de radionovelas, diretora, além de compositora. Ela iniciou sua carreira no meio radiofônico em 1933, aos 17 anos, na Sociedade Rádio Educadora Paulista, como cantora em programas infantis. Depois, passou a cantar músicas folclóricas e sambas. Em 1936, começou a cantar na Rádio Difusora, mas, em 1937, ela retornou para a Educadora, agora como diretora e produtora do programa *Hora infantil*, em que ela coordenava crianças

que cantavam no programa. Em 1938, ainda na Educadora, Ivani criou o *Teatrinho da dona Chiquinha*. No ano seguinte, ela integrou o elenco da PRG-2 Rádio Tupi de São Paulo, onde criou o programa *As mais belas cartas de amor*, em que estreou como atriz. Logo depois, foi convidada para ser intérprete na Rádio Bandeirantes no programa *Teatro para você* e logo começou a produzir pequenas peças de meia hora, denominadas “teatrinho”. Pouco depois, começou a produzir peças completas, mais longas, de uma hora de duração (RODRIGUES, 2018, p. 104). Assim, Ivani iniciou sua carreira de autora e “é a primeira mulher brasileira do rádio a ter um radioteatro, o “Teatro Ivani Ribeiro” (RODRIGUES, 2018, p. 105).

Com a veiculação de anúncios de propaganda devidamente regulamentado a partir de 1932, o meio radiofônico começou a crescer e, na década de 1940, o rádio foi reconhecido como um importante meio de comunicação de massa, cenário em que as dramatizações surgiram como um gênero importante e que se popularizou rapidamente. “Ivani se especializa em radioteatro e é uma das pioneiras das novelas em capítulos no veículo” (RODRIGUES, 2018, p. 109). Na Rádio São Paulo, no fim da década de 1950, a emissora conhecida por ser a rádio das novelas, Ivani escreveu a novela *Os mortos não querem rosa*, transmitida as segundas, quartas e sextas-feiras, das 10h30 às 11h (CHAVES, 2007, p. 64). O sucesso de Ivani Ribeiro no rádio foi tão grande que, com o advento da televisão, ela passou a escrever telenovelas, inicialmente “para várias emissoras: Excelsior, Tupi, Record e Bandeirantes” (ALVES, 2008, p. 233).

Janete Clair (1925-1983) foi uma mineira que veio fazer sucesso aqui em São Paulo como novelista de rádio. A autora iniciou sua carreira no meio radiofônico aos 20 anos de idade como locutora e radioatriz na Rádio Tupi de São Paulo. Como autora, escreveu para Rádio São Paulo, no fim da década de 1950, a novela *O homem que perdeu a alma*, transmitida as segundas, quartas e sextas-feiras, das 14h às 15h, e a novela *A Sultana do grande lago*, transmitida as terças, quintas e sábados, das 20h às 21h (CHAVES, 2007, p. 62). Ao todo, escreveu por volta de 30 radionovelas antes de começar a escrever telenovelas a partir dos anos 1950. Ela também fez sucesso como radioatriz, conforme dizia a *Revista do Rádio* na coluna Rádio de São Paulo⁴: “Está é Janete Clair, ‘estrela’ do rádio-teatro da Difusora, figura sempre aplaudida”.

⁴ *Revista do Rádio*, ano II, n. 17, p. 41, julho de 1949. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1949_00017.pdf. Acesso em: 3 jun. 2022.

Outra mulher que se destacou na dramaturgia paulista foi **Odette Machado Alamy** (1913-1999). Apesar de ter nascido no estado de Minas Gerais, Odette iniciou sua carreira como dramaturga na capital paulista por meio de um concurso promovido pela Rádio São Paulo em 1952. Odette escreveu a novela *Sou Inocente* para concorrer com 240 outros inscritos e venceu. A partir desse momento, ela começou a escrever novelas para o rádio (CHAVES, 2007).

A novela *Sou Inocente* teve bom sucesso de público, apesar do horário matinal, possibilitando que a escritora ocupasse, em seguida, um dos horários privilegiados da noite. Nessa época a Rádio São Paulo (PRA-5) era considerada uma das principais emissoras nas transmissões de radionovelas, por ter um público cativo. (CHAVES, 2007, p. 62).

A autora escreveu 15 novelas para a Rádio São Paulo, entre elas: *Renée; a Ladra; A Província; Kátia; A bailarina russa; O passado voltou*.

Não menos importante, **Dulce Santucci** (1921-1995), outra mineira radicada em São Paulo, desde cedo lia e escrevia bastante. Ela leu todas as obras de seu autor favorito, Monteiro Lobato (1882-1948). A escritora iniciou sua carreira no rádio escrevendo novelas para a Rádio São Paulo na década de 1940. Uma citação da *Revista do Rádio*⁵ diz: “A Rádio São Paulo continua apresentando boas novelas escritas por Dulce Santucci, um nome que já impôs na equipe dos produtores desses programas”. Seu sucesso foi tão grande que Dulce foi responsável por adaptar o texto do argentino Alberto Migré para a primeira novela com capítulos diários da televisão brasileira, em 1963, chamada *2-5499, Ocupado* levada ao ar pela TV Excelsior (ALENCAR, 2005, p. 3). Tarcísio Meira (1935-2021), Glória Menezes (1934) e Lolita Rodrigues (1929) fizeram parte do elenco da novela. De acordo com um documento da Câmara Municipal de São Paulo de 1998, as novelas radiofônicas da Rádio São Paulo “eram escritas por Ivani Ribeiro, Ghiaroni, Nara Navarro, Dulce Santucci e outros. Elas tinham o patrocínio da companhia Gessy Lever”. Podemos destacar dentre as radionovelas de sua autoria: *Sonhos desfeitos; Ciúme; Uma vida e três amores; Zé boiadeiro; Rancho fundo; Um ranchinho e Beira chão*.

⁵ *Revista do Rádio*, ano II, n. 67, p. 45, dezembro de 1950. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1950_00067.pdf. Acesso em: 3 jun.2022.

Vida Alves (1928-2017) foi cantora, radioatriz, locutora, diretora e produtora de programas de rádio e televisão, mas se destacou na dramaturgia. Seu primeiro contato com o rádio foi em uma participação no programa de Nicolau Tuma (1911-2006) na Rádio Difusora de São Paulo em 1936. No entanto, o primeiro programa para o qual foi contratada a participar como cantora mirim foi o *Clube do Papai Noel*, também na Difusora. Sua primeira oportunidade como radioatriz foi na Rádio São Paulo, no papel de um “menino”, na radionovela *A vingança do judeu*, com direção de Oduvaldo Viana (1892-1972). Em 1944, Vida Alves foi ser radioatriz na Rádio Panamericana, integrando seu elenco radioteatral. Vida passou por várias emissoras até ser contratada pela Rádio Tupi de São Paulo em 1946, onde permaneceu por 22 anos até começar a escrever para o rádio e televisão. Ao todo escreveu 14 novelas para as Rádios Tupi e Difusora.

Sílvia Autuori (1906-1973) foi uma escritora e dramaturga que pertenceu a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT). No início dos anos 1930, na Rádio Tupi de São Paulo, ficou famosa por criar a personagem Tia Chiquinha para o programa *Tupi dos garotos*. Destacou-se também como romancista. Dentre as radionovelas que escreveu, podemos citar: *Ambição* (1943); *A grinalda de rosas* (1947); *O rei silencioso* (1948). A autora trabalhou no rádio, no teatro e, posteriormente, na televisão. Não foram encontrados outros registros sobre a autora.

5. As musicistas do rádio paulistano

É comum a discussão em torno do que é ser um músico, diz Julia da Rosa Simões (2011). Para a autora, é difícil definir se é uma profissão ou apenas um lazer. Na mesma linha, Dercidio Soares Ferreira (2018, p. 8), afirma que “as dificuldades de se estudar o trabalho artístico na sociologia das ocupações é a dificuldade de chegar a um consenso do que é a atividade do músico enquanto profissão”. Na visão do sociólogo americano Eliot Freidson (1923-2005), “de todas as profissões reconhecidas da sociedade industrial contemporânea, aquelas ligadas às artes são as mais ambíguas e constituem o mais perigoso desafio à análise teórica dos ofícios e do trabalho” (FREIDSON, 1986, p. 431). Moraes (2000, p. 8) diz que “no cenário da música instrumental e de acompanhamento, os artistas paulistanos exerciam, outras profissões que lhes garantissem a sobrevivência”, haja vista que não ganhavam suficiente como músicos. “Para eles, a profissionalização artística ainda era muito precária e rara, mesmo com

o desenvolvimento das indústrias radiofônicas e das gravadoras” (MORAES, 2000, p. 8), referindo-se ao período que engloba o início do século XX.

Geralmente, esses novos meios de produção e difusão estavam mais interessados nos cantores e nos intérpretes, pois esses eram os únicos que atingiam sucesso, dando retorno comercial às diversas empresas que viviam em torno da música e dos espetáculos (gravadoras, rádios, editoras, eletrônicas, publicidade, etc.). (MORAES, 2000, p. 8-9).

Independentemente dessa discussão em torno da profissionalização, ou não, dos músicos, o crescimento da indústria cultural ocorrido ao longo do século XX, no Brasil, possibilitou o crescimento artístico. Na época, surgiram orquestras, abrindo portas para que músicos se apresentassem. Assim, o Teatro Municipal de São Paulo e a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo são considerados referências dentro e fora do Brasil (SEGNINI, 2014).

Era muito usual nos anos 1930, 1940 e 1950 que orquestras inteiras fossem tocar nas emissoras de rádio. Muitas vezes, apenas um músico era contratado para fazer parte da programação radiofônica. Diante desse cenário, musicistas encontraram espaço no meio radiofônico, um lugar onde elas viam a possibilidade de ganhar remuneração e ainda serem reconhecidas. Dentre elas, algumas foram surgindo ao longo da pesquisa desta tese, como é o caso de **Adelaide Chiozzo** (1931 – 2020), uma cantora de rádio que também se destacou como musicista. “Adelaide Chiozzo tem mesmo esse nome e é artista desde pequenina. Tocava sanfona, a princípio, com o irmão, numa dupla que foi parar no ‘Papel Carbono’. Daí em diante, Adelaide fez sua própria carreira [...]” (TAVARES, 1999, p. 129). Ela tocou o acordeom nas emissoras paulistas: Rádio Bandeirantes no programa *Serra da Mantiqueira*, Rádio Record e na Rádio Panamericana antes de ir trabalhar na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, onde permaneceu até o fim de sua vida. Em 1946, Adelaide estreou no cinema, onde atuou em 20 filmes. Sua carreira artística iniciou no rádio de São Paulo. Um dia, seu pai ouviu que a Rádio Bandeirantes faria um concurso chamado: *Procura-se novos talentos*, apresentado por Vicente Leporace (1912 – 1978). Adelaide tocou *Rapaziada do Brás e Branca*, de Zequinha de Abreu, e venceu o concurso, sendo, então, contratada para trabalhar na emissora. Sua mãe teve que assinar o contrato, pois Adelaide tinha apenas 12 anos na época. Com o irmão, a quem ela ensinou a tocar acordeom, formaram uma dupla que tocava todos os gêneros musicais, inclusive clássico. Ambos tocaram na Rádio Record e na Rádio Panamericana, participando de programas de auditório (RODRIGUES, 2012, p. 26-32).

De acordo com Mário Ferraz Sampaio (2004, p. 132), a Sociedade Rádio Educadora Paulista tinha em sua programação muitos artistas, dentre eles **Dinorá de Carvalho** (1895 – 1980), que ao piano fazia sua performance para os ouvintes da emissora. Dinorah Gontijo de Carvalho, nome completo de Dinorá de Carvalho, nasceu em Minas Gerais, em 1895, e mudou-se, ainda bem jovem, com a família para São Paulo, onde cresceu e iniciou sua carreira artística. Na capital paulista, ela ingressou no Conservatório Dramático e Musical, onde se formou em 1916, aos 21 anos de idade. Dinorá foi pianista, compositora e professora. Inicialmente, suas obras eram nacionalistas, influenciadas pelo folclore brasileiro, passando posteriormente para um “estilo mais moderno, atonal e serial” (TAFFARELLO; PASCOAL; CARVALHO, 2017, p. 2).

Pela Rádio São Paulo, **Guiomar Novaes** (1894-1979) fazia diariamente um solo de piano, logo no início da radiodifusão paulista. A personagem Narizinho do *Sítio do pica-pau amarelo*, de Monteiro Lobato, foi inspirada em Guiomar Novaes. Guiomar era vizinha de Monteiro Lobato. A menina já tocava piano antes mesmo de ler e escrever. Em 1909, ainda bastante jovem, ela foi aprovada pelo *Conservatoire National Des Arts Et Metiers*, o conservatório de artes de Paris (BINDER, 2018, p. 209). Guiomar tocou piano na Europa e nos Estados Unidos. Ela interpretava Chopin (1810-1849), Schumann (1810-1856) e Villa-Lobos (1887-1959) (BINDER, 2018). De volta ao Brasil, a pianista se apresentava no Teatro Municipal de São Paulo e na Rádio São Paulo.

Na Rádio Record, a cantora, pianista e violonista **Helena de Magalhães Castro** (1902-1995) encantava os ouvintes com sua música. Helena tinha uma grande admiração por Mário de Andrade, que “foi uma inspiração ao longo de sua trajetória, principalmente pelo incentivo a pesquisa da música brasileira” (ANDRADE, 2020, p. 59). Isso porque Helena de Magalhães Castro era também uma pesquisadora do folclore brasileiro, além de professora. Em 1931, ela fundou, com o poeta Guilherme de Almeida e o maestro João Souza Lima, a Instrução Artística do Brasil (IAB) (ANDRADE, 2020, p. 97). Em 1932, Helena compôs o júri do concurso de músicas carnavalescas organizado pela Rádio Record. Outros membros do júri foram: o maestro Francisco Mignone, Oduvaldo Viana, Agnello Rodrigues, Fernando Mendes de Almeida, Astrô Sinitra, Alberto Marino e Thiers Ferraz Lopes (CANTERO, 2013, p. 27). Como é possível observar, Helena era a única mulher na composição de jurados. Ela também participou da Revolução Constitucionalista de 1932 ao fundar o *Lunch Expresso*, uma

iniciativa para dar lanches aos soldados, além de realizar concertos em prol da causa que foi amplamente radiofonizada, especialmente pela Rádio Record, na voz de César Ladeira.

A cantora **Triana Romero** (1930), nome artístico de Odete Carrera, é também pianista. Usei o verbo no presente pois a musicista é uma das poucas artistas do início da radiodifusão que ainda vive. Triana foi uma grande amiga de Lolita Rodrigues, já que as famílias de ambas vieram juntas da Espanha para o Brasil e moravam próximas na capital paulista. Elas iniciaram suas carreiras no rádio de São Paulo como cantoras de músicas espanholas.

Aos 4 anos de idade, Odete já cantava na Rádio Educadora Paulista, onde tinha um programa exclusivo de meia hora diária, interpretando, sobretudo, tangos argentinos. Ora, a Rádio Educadora abriria espaço em 1937, ainda que mediante pagamento, para um programa diário intitulado 'Hora Hispano Brasileira de Espanha republicana'. (MORELLI, 2012, p. 4)

Apesar do seu sucesso como cantora de músicas espanholas, aos 13 anos de idade, Triana foi incentivada por sua irmã pianista, Olga Carrera, dez anos mais velha, a iniciar sua carreira de pianista e mudou-se para a Argentina. De volta ao Brasil, foi contratada, em 1948, pela Rádio Tupi de São Paulo, fazendo dupla com sua amiga Lolita Rodrigues na interpretação de melodias espanholas. Pelas Emissoras Associadas, Triana fez várias caravanas Brasil afora. Ela também tocou piano na Escola Municipal de Balé de São Paulo (MORELLI, 2012). Triana Romero concorreu ao título de *Rainha do Rádio Paulista*, em que Isaurinha Garcia ficou em primeiro lugar e Triana em quinto, recebendo o título de uma das princesas. Triana cantou em muitas emissoras da capital paulista, entre elas a Rádio Educadora Paulista, a Rádio Cultura, a Rádio Piratininga, a Rádio Cruzeiro do Sul e a Rádio América. No entanto, ela “nunca deixou de lado seus estudos musicais. Ao completar 23 anos se formou como pianista no Conservatório Dramático Musical de São Paulo” (CANTERO; COMEGNO, 2013, p. 88).

Ophélia Nascimento (1909) foi outra pianista paulista que alcançou fama internacional ao ser aceita para o Conservatório Internacional de Música de Paris, na década de 1930. A revista *Rádio Paulista* “afirmando que ela era uma intérprete legítima da arte, rainha do teclado, que deslumbrava os ouvintes da Educadora com seus magistrais concertos” (TESSER, 2009, p. 61-62). Não foram encontrados mais dados sobre a artista.

Teresa Zambo de Medeiros (1937) começou a tocar acordeom aos 11 anos de idade em circo. Aos 13 anos, em 1950, Teresa tocava com a dupla sertaneja Brinquinho e Brioso – Thesis dos Anjos Gaia (1915-1968) e Euclides Honorato da Costa (1913 – 1991),

respectivamente – e foram convidados para se apresentar na Rádio Difusora. A musicista tocou no programa de auditório *Festa na roça*, apresentado pelo humorista Lulu Benecase (1913-1965), aos domingos à tarde. Ela também participou do programa *Caipiradas*, no qual artistas da música sertaneja se apresentavam. Mais tarde, Teresa deixou de tocar com duplas sertanejas para ser solista. A partir daí, passou a tocar em orquestras e foi contratada para tocar na Rádio Piratininga em estúdio e auditório. Na Piratininga, a acordeonista tocava no programa *Torre de Babel*, do diretor Manuel de Nobrega (1913-1976). A artista foi campeã de correspondências de ouvintes na Rádio Piratininga. Da Piratininga ela foi convidada pelo padre Laurindo para tocar na Rádio Nove de Julho, onde ficou até completar 18 anos, quando se casou e abandonou a carreira artística.

Rosinha da Harmônica (1936) iniciou sua carreira artística aos 14 anos, tocando acordeom em circo. Em 1952, estreou no rádio por intermédio de Egas Muniz, da Rádio América. Apresentou-se nas rádios Bandeirantes, Piratininga e Tupi antes de ser contratada para tocar na Rádio Record. Em 1957, Rosinha foi eleita *Rainha dos Músicos de São Paulo*. Em 1958, a musicista mudou-se para o México, onde se apresentou em *shows* e programas de televisão. Em 1962, ela voltou ao Brasil, mas, não muito tempo depois, decidiu aposentar-se da carreira artística (CANTERO; COMEGNO, 2013).

6. As produtoras do rádio paulistano

O trabalho de um(a) produtor(a) de rádio é o de criação e elaboração de programas radiofônicos. Esse(a) profissional também coordena e organiza as apresentações radiofonizadas, além de supervisionar a equipe necessária para a produção de cada programa que chega aos ouvintes.

O trabalho de produtor em rádio tem semelhança com o trabalho do contrarregra. Providencia-se um mundo de coisas para que o programa saia da melhor maneira possível. Se der algo errado na estrutura do programa, a culpa é do produtor. Quando dá certo, é a obrigação dele. Quando dá mais certo ainda, um furo no ar, por exemplo, nada acontece. (VAZ FILHO, 2003, p. 94-95).

Sem o trabalho do produtor, não tem programa. É esse profissional que deixa tudo pronto quando o locutor, cantor, ator, dentre outros trabalhadores do meio, chegam na emissora

para trabalhar. A função dele é tão importante que “alguns apresentadores acabam adotando seus produtores, carregando-os para outras emissoras, nos casos de transferências” (VAZ FILHO, 2003, p. 95).

No período aqui proposto (1920-1950), foram encontradas apenas quatro mulheres que se destacaram como produtoras. Uma delas teve um papel importante na sociedade paulistana: Albertina de Grammont Costa Lima, conhecida como **Sarita Campos** (1912-1933). Uma carioca que se mudou com a família para São Paulo, como muitos faziam naquela época, em busca de melhores oportunidades e que, por ter uma voz grave e boa dicção, decidiu tentar a sorte no meio radiofônico. Sarita ingressou no meio como radioatriz em 1942 na Rádio Record e, também, trabalhou nas Rádio Tupi e Difusora de São Paulo. No entanto, sua trajetória no rádio ficou mais evidente como produtora e diretora de programas radiofônicos.

Albertina de Grammont Costa Lima (Sarita Campos) foi das primeiras mulheres a produzir programas femininos para o rádio e, na época, talvez não tenha atentado que suas crônicas, seus conselhos, suas receitas culinárias, seu consultório sentimental, ou ainda seus editoriais, tenham, conscientemente ou não, dado início ao movimento pelos direitos da mulher, conquistado várias reivindicações na luta pela sua emancipação, abrindo caminhos até então só percorridos pelos homens, tidos como machistas... (TAVARES, 1999, p. 113).

Na Rádio Difusora de São Paulo, ela apresentou, produziu e dirigiu o programa *Difusora falando à mulher* (1951); apresentou o programa *Encontro das terças e sextas-feiras* na Rádio Excelsior de São Paulo (1952) e apresentou o programa *Teatrinho Assumpção* na Rádio Nacional de São Paulo (1957). A produtora, que era da Tupi, foi em 1952 para a Rádio Nacional de São Paulo com seu marido, o radialista Dermival Costa Lima (ALVES, 2008, p. 119). Nas Emissoras Associadas, ela criou e dirigiu os programas “*Boa tarde; Falando à mulher; Palavra da moda; Madame D’Anjour* (um dos seus pseudônimos); *Teatrinho Singer* e muitos outros...” (TAVARES, 1999, p. 113), na sua maioria para a audiência feminina. A *Revista do Rádio*⁶, em sua coluna Rádio de São Paulo, escreve:

SARITA CAMPOS – redatora especializada em audições femininas. Escreve e apresenta: ‘Boa Tarde’ (no ‘Vespéral das Moças’. Difusora, 14 horas). ‘Guarani falando à mulher’ (Difusora, diariamente, 16 horas). ‘Palavras da

⁶ *Revista do Rádio*, ano II, n. 12, p. 35, fevereiro de 1949. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1949_00012.pdf. Acesso em: 3 jun. 2022.

Moda' (difusora, diariamente 16:20 horas). 'Madame Denjou' (no 'Rádio-Emoções Valery'. Difusora 16:30 horas) e 'Teatro Singer' – 'o seu querido teatrinho das 5 horas' (Difusora, diariamente 17 horas).

Esse trecho, retirado da *Revista do Rádio*, demonstra que Sarita Campos escrevia e apresentava programas radiofônicos direcionado às mulheres. Outra edição da mesma revista⁷ relata, referindo-se aos programas que ela produzia, que eram sempre ligados ao público feminino:

Uma das mais categorizadas produtoras do rádio bandeirante é, sem dúvida nenhuma, Sarita Campos, que conhece o segredo de dosar os seus programas, de palpitantes interesses femininos. Campeã da correspondência, ela conta com um público numeroso e dedicado.

Outra mulher importante para o rádio paulista foi Neyde Mocarzel Blota Junior (1930-1987), de nome artístico **Sonia Ribeiro**. Sonia foi a esposa do locutor, jornalista, apresentador, produtor de rádio e televisão e empresário José Blota Junior (1920-1999), que conheceu nos corredores da Rádio Record. Ela ficou famosa por ser uma excelente locutora, radioatriz, apresentadora e produtora de rádio e televisão. Sonia iniciou sua carreira como radioatriz no radioteatro da Rádio Record, no programa *Teatro de Manuel Durães*. No início da década de 1940, Sonia e a irmã costumavam ir aos estúdios da Record. Um dia, Otávio Gabus Mendes desafiou a plateia a fazer uma crítica ao filme *A divina dama*, que estava em cartaz nos cinemas. Sonia levantou a mão e foi escolhida para ir ao palco falar, surpreendendo o apresentador. “Tinha uma voz diferente, macia, levemente rouca, um tanto abafada e, principalmente, grave. Era completamente diferente do padrão feminino, ainda mais para alguém que, naquele momento, tinha apenas 12 anos de idade” (MORGADO, 2015, p. 65). Não apenas ganhou o concurso, como também foi convidada para fazer um teste na emissora. Foi contratada e, com o tempo, foi ganhando espaço como locutora e radioatriz. Mas sua carreira realmente se consolidou como produtora de diversos programas para a Record. “Sonia Ribeiro tornou-se uma das primeiras mulheres a produzir e redigir programas em São Paulo, sendo chamada pelo radialista gaúcho Júlio Rosenberg de *A dama do rádio*” (MORGADO, 2015, p. 66). Dentre

⁷ *Revista do Rádio*, ano III, n. 29, p. 47, outubro de 1950. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1950_00029.pdf. Acesso em: 3 jun. 2022.

eles está o programa *Só para mulheres*, sobre o qual a *Revista do Rádio*⁸ escreve: “Sônia Ribeiro lançou seu novo programa ‘Tem a palavra o coração’ dentro da audição ‘Só para mulheres’, todas as segundas e quintas-feiras”. Um programa todo dedicado às mulheres. Mais tarde, ela e o marido foram trabalhar na TV Record, onde apresentaram inúmeros programas juntos, formando uma das duplas mais famosas da televisão brasileira. “Durante sua carreira recebeu sete troféus ‘Roquette-Pinto’”. O primeiro em 1953 como ‘Melhor programadora feminina de Rádio’” (CANTERO; COMEGNO, 2013, p. 206). De acordo com o livro que conta a história do marido de Sonia Ribeiro, *Blota Junior: a elegância no ar*, de Fernando Morgado (2015, p. 95), em 1953 ela foi laureada com o troféu Roquette-Pinto como “melhor redatora de programa feminino de rádio”, e nos anos 1955, 1956, 1957, 1958 e 1959, ganhou o mesmo troféu, mas agora como “melhor produtora”. Em 1960 ganhou o troféu Roquette Especial.

Cacilda Becker (1921-1969) “além de atriz teatral – sua função mais conhecida – produziu, escreveu e apresentou programas de rádio” (SOUZA, 2004, p. 232). Cacilda iniciou no rádio paulistano como locutora da Rádio Cultura em 1943. “Tinha o que se chamava uma voz radiofônica. [...] Pela sua inteligência e vivacidade, foi mais do que uma simples locutora, auxiliada pela bonita voz e dicção perfeita” (VARGAS, 2013, p. 45). Cacilda Becker também foi radioatriz e se destacou na radionovela *Caminho do céu*, de José Roberto Penteado. Mesmo sendo mais conhecida por ser uma atriz de teatro, “muitas vezes rádio e teatro ocuparam simultaneamente sua vida artística” e acabou sendo contratada “não mais como locutora simplesmente, mas como redatora e produtora” (VARGAS, 2013, p. 45). Dentre os programas que ela produziu no rádio, podemos citar: *Fantasia*; *Consultório amoroso*; *Jóias da literatura universal* e *À noite sonhamos*.

Leonor Navarro (1901-1988) entrou para o mundo do rádio como radioatriz na Rádio São Paulo em meados dos anos 1940. Dentre radionovelas e radioteatros em que ela atuou nessa emissora, podemos citar: *Renúncia* (1942); *Uma vida e três amores* (1950); *O segredo do padre Jeremias* (1951). Na coluna Rádio de São Paulo da *Revista do Rádio*⁹, a atriz foi citada da seguinte maneira: “Leonor Navarro – radioatriz da PRA-5, um dos bons valores femininos de São Paulo”. E na Rádio Nacional de São Paulo atuou na radionovela *A taça do*

⁸ *Revista do Rádio*, ano II, n. 22, p. 35, dezembro de 1949. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1950_00035.pdf. Acesso em: 3 jun. 2022.

⁹ *Revista do Rádio*, ano II, n. 15, p. 40, maio de 1949. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1949_00015.pdf. Acesso em: 3 jun. 2022.

pecado. No entanto, Leonor Navarro se destacou no meio radiofônico como produtora, conforme citação na *Revista do Rádio*¹⁰:

Produtora de Classe: entre aqueles que trabalham intelectualmente para o rádio bandeirante, Leonor Navarro forma na vanguarda, pelos ótimos trabalhos apresentados e pelo valor de suas produções. E além de magnífica produtora, possui ela as qualidades soberbas de uma intérprete de primeira linha [...].

Depois do rádio, Leonor foi para a TV, onde ficou até o fim de sua carreira.

Dentre as quatro produtoras citadas neste trabalho, todas produziram programas radiofônicos direcionados ao público feminino e se destacaram por isso. A mulher paulistana, em geral, no período estudado nesta tese (1920-1950), era aquela que passava grande parte do tempo em casa cuidando do lar e da família e, enquanto se ocupava de tais tarefas, ouvia os programas radiofonizados, já que, assim, podia fazer outras coisas enquanto os escutava. Diante desse cenário, as emissoras investiam em programas direcionados ao universo feminino, isto é, de receitas, de conselhos, de moda, dentre outros.

Muitas outras profissionais atuaram no rádio de São Paulo, no entanto, houve uma dificuldade ainda maior em levantar dados documentais e bibliográficos a respeito das *profissionais do rádio paulistano* do que dados sobre as *estrelas*, no recorte aqui proposto. Portanto, foram citadas neste capítulo as mulheres encontradas ao longo da pesquisa.

CONCLUSÃO

O presente trabalho teve por objetivo investigar a presença feminina no meio radiofônico entre os anos 1920 e 1950 na cidade de São Paulo. Além disso, buscou-se entender de que modo se concretizou a atuação dessas mulheres no rádio paulistano durante o período em estudo e, ainda, investigar em quais segmentos/atividades de trabalho do meio radiofônico elas atuaram, saber quais foram as mulheres que se destacaram durante o período e em quais programas de rádio ou em quais criações artísticas e técnicas mais relevantes elas estiveram envolvidas.

¹⁰ *Revista do Rádio*, ano III, n. 51, agosto de 1950. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/144428/per144428_1950_00051.pdf. Acesso em: 3 jun. 2022.

Após o termino da pesquisa, concluiu-se que a mulher no rádio não tem sido estudada de acordo com sua importância. Foram encontrados, durante a pesquisa, inúmeros estudos sobre a mulher nos meios de comunicação, mas poucos sobre a mulher no rádio e muito poucos sobre a mulher no rádio de São Paulo. Os que foram encontrados eram, na maioria, sobre cantoras, poucos sobre atrizes e pouquíssimos tratando sobre mulheres que atuaram em outras áreas do rádio. Não foram encontrados, na pesquisa, trabalhos que reunissem as diferentes profissionais do rádio paulistano nem que tratassem de profissionais de outras áreas da radiodifusão, como, por exemplo nas áreas mais técnicas e administrativas.

O número de mulheres profissionais do rádio paulistano encontradas na pesquisa não é muito grande, pois o papel social da mulher, na época estudada, restringia-se ao de dona do lar e zeladora da família. Portanto, poucas mulheres se arriscavam a ter uma vida profissional, especialmente em um ambiente predominantemente masculino, como é o caso do meio radiofônico, que era restrito. As que ousavam buscar uma carreira nesse universo tiveram que lutar e se deparar com preconceitos e discriminações por parte da sociedade. Ademais, as que, ainda assim, entraram para o meio, nem sempre tiveram reconhecimento e, por conseguinte, não constam nos anais de comunicação. No entanto, algumas se destacaram e fazem parte da história do rádio.

Verificou-se também que, devido ao número reduzido de profissionais no início da radiodifusão no Brasil, muitos dos que efetivamente trabalhavam no rádio exerciam mais de uma função. Como foi possível verificar nesta pesquisa, muitas mulheres aqui citadas atuaram em mais de uma categoria profissional, acumulando duas ou mais funções dentro das emissoras.

A conclusão final é que as mulheres definitivamente estiveram presentes na radiodifusão paulista desde o início e são parte da história do rádio. Reunir estas categorias de mulheres profissionais do rádio em um trabalho científico é poder contribuir para pesquisas sobre este meio tão importante.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Mauro. A Telenovela como Paradigma Ficcional da América Latina. In: **XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2005.
- ALVES, Vida. **TV Tupi: uma história de amor**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008.
- ANDRADE, Marcelle Marques de. **Helena de Magalhães Castro: uma intérprete genuinamente brasileira? (1924-1931)**. 2020. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.
- ANTUNES, Luciana. **AS MULHERES DO RÁDIO PAULISTANO: uma investigação sobre a presença feminina nas emissoras de São Paulo entre os anos 1920 e 1950**. Tese de Doutorado – UNIP, 2022.

- BINDER, Fernando Pereira. **Profissionais, amadores e virtuosos: piano, pianismo e Guiomar Novaes**. 2018. Tese (Doutorado) – ECA/USP, São Paulo, 2018.
- BORREGO, Maria Cristina; OLIVEIRA, Iara Bittante. A Voz do Locutor Radialista. In: São Paulo: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, 2013.
- CANTERO, Thais Matarazzo; COMEGNO, Valdir. **A Dinastia do Rádio Paulista**. Bragança Paulista, SP: Edição dos autores, 2013.
- CANTERO, Thais Matarazzo. **A Música Popular no Rádio Paulista, 1928 – 1960**. São Paulo: Edição da Autora, 2013.
- CHAVES, Glenda Rose Gonçalves. **A Radionovela no Brasil: um estudo de Odette Machado Alamy (1913-1999)**. 2007. Dissertação (Mestrado, PPG em Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2007.
- ESCH, Carlos Eduardo. Do Passado ao Presente: o rádio e seus comunicadores ganhando novos significados. In: **Anais do XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Santos, SP: [s.n.], 1997.
- FERREIRA, Dercideo Soares. O Trabalho Formal dos Músicos no Brasil. In: **42º Encontro Anual da ANPOCS**. Caxambu, MG: [s.n.], 2018.
- FREIDSON, Eliot. Les Professions Artistiques Comme Défi à L'analyse Sociologique. **Revue Française Sociologique**, n.27, p. 431-443, 1986.
- HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Revista do Rádio (RJ 1948 – 1970)**. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/revista-radio/144428>. Acesso em: 10 fev. 2019.
- JÚLIO, Mário. A Missão do Locutor. **Revista do Rádio**, ano II, n. 68, p. 36, dezembro de 1950.
- MATA, Maria Cristina. **Mulher e Rádio Popular**. São Paulo: Paulinas, 1997.
- MORAES, José Geraldo Vinci de. Polifonia na Metrópole: história e música popular em São Paulo. **Revista Tempo**, n.10, p. 1-23, Niterói, 2000.
- MORELLI, Rita de Cássia Lahoz. Do Gueto à Televisão: a música espanhola em São Paulo e a trajetória de Triana Romero. In: **8º Encontro Internacional de Música e Mídia**. São Paulo: USP, 2012.
- MORGADO, Fernando. **Blota Jr.: a elegância no ar**. São Paulo: Matrix, 2015.
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. Radiojornalismo no Brasil: fragmento de história. **Revista USP**, n. 56, p. 66-85, 2003.
- POLETO, Thays Renata; POLETO, Milena Luiza. Vozes femininas no Rádio: relações de gênero, locução e audiência. In: **XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Natal, RN: [s.n.], 2 a 6 dezembro de 2008.
- RODRIGUES, Carolline. **Ivani Ribeiro: a dama das emoções**. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2018.
- SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. Os músicos e seu trabalho: diferenças de gênero e raça. **Tempo Social**, v. 26, p. 75-86, 2014.
- SOUZA, Joiceley Vieira. Cacilda Becker: fúria santa. **Revista de História**, n. 151, p. 229-234, 2º semestre 2004.
- TAFFARELLO, Tadeu Moraes; PASCOAL, Maria Lúcia; CARVALHO, Flávio Cardoso. Coleção Dinorá de Carvalho do Acervo CDMC: Histórico e constituição. In: **XXVII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música**. Campinas: [s.n.], 2017.
- TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o Rádio Não Contou**. São Paulo: Harbra, 1999.
- TESSER, Tereza Cristina. **De Passagem Pelos Nossos Estúdios: a presença feminina no início do rádio no Rio de Janeiro e São Paulo 1923 – 1943**. Santos: Editora Universitária Leopoldianum, 2009.
- TINHORÃO, José Ramos. **Música Popular, do gramofone ao rádio e TV**. São Paulo: Ática, 1981.
- TOTA, Antonio Pedro. **A Locomotiva no Ar: rádio e modernidade em São Paulo 1924-1934**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1990.
- VARGAS, Maria Thereza. **Cacilda Becker: uma mulher de muita importância**. São Paulo: imprensa Oficial, 2013.
- VAZ FILHO, Pedro Serico. Produção em Rádio. In: **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 926, p. 93-100, jan./abr. 2003.